

Trinta anos de história

A invasão da Estrutural teve início em 1970. Eram apenas catadores de papel que moravam em barracos de madeira velha e papelão. Foi na década de 90, entretanto, que a invasão ganhou corpo.

O crescimento populacional foi vertiginoso. A cada dia, surgiam novos barracos. O governo só pensou em resolver o problema quando milhares de pessoas viviam na Estrutural. Foram várias tentativas de retirada. E todas marcada por sangue.

Em 1997, após a Câmara Legislativa aprovar o Plano Diretor de Ordenamento Territorial, que destinava a área para a implantação de indústrias não poluentes, o governo tentou retirar os moradores. As cenas de violência entre policiais militares e moradores foram exibidas ao vivo, pela televisão. O saldo do embate: 30 moradores feridos e cerca de mil barracos derubados.

Até 1998, o governador Cristovam Buarque fez várias tentativas para retirar a população; falhou em todas. O governo dizia que o problema não era solucionado porque havia interferência política de deputados distritais. Cristovam perdeu as eleições carregando nas costas as acusações de ter preferido a força da Polícia Militar ao entendi-

mento político de uma retirada pacífica.

A região sempre foi marcada pela violência, ora patrocinada pela Polícia Militar, acusada de ter organizado a Operação Tornado apenas para prender o suspeito da morte de um policial, em 1998; ora praticada pelos próprios moradores, em disputas entre traficantes de drogas.

Um informante da polícia que teve os olhos arrancados, antes de ser assassinado, e famílias chacinadas enquanto dormiam são algumas histórias escritas em boletins de ocorrência registrados na 3ª Delegacia de Polícia (Cruzeiro), responsável pela investigação dos crimes ocorridos na maior invasão do DF.

Agora, com o resultado da pesquisa traz um alívio aos moradores da invasão. Entre eles, João Carlos Alvim. Ele lembra que há alguns anos a maioria das pessoas era contra a fixação da cidade. "Parece que isso mudou, porque a população passou a ver a nossa situação de forma diferente. Afinal, onde é que a gente ia morar se tivéssemos que sair daqui?", questiona.

"Talvez, debaixo das pontes, nos gramados do Eixão ou sob as marquises dos prédios públicos. Ia ser incômodo para muita gente, né", completa.